

2  
112  
POESIAS  
COMPOSTAS

NA VNIVERSIDADE DE

COIMBRÁ NA OCCASIAÕ DA  
felicissima, & milagrosa acelamaçaõ, & Co-  
roação d'elRei nosso Senhor Dom Ioaõ o  
quarto de Portugal, que se não offere-  
ceraõ no Certamen Poetico, que  
na dita Vniuersidade ouve  
nem andão no  
livro dos seus  
applausos.

EM LISBOA

---

*Com todas as licenças necessarias.*

Na Officina de Lourenço de Anveres,  
Anno de 1645.

CANÇÃO I. EM QUE SE VÃO CONFERINDO  
 as cousas do tempo del Rei Dom Ioão o primeiro de boa mem-  
 ria com os successos da acclamação d'el Rei nosso Senhor,  
 Dom Ioão o quarto.



Mais perfeita, entre o creado, Idea  
 Do prototypo teu, vivo treslado,  
 Da mão divina, vniuersal empenho,  
 Do meu veneno, antidoto provado,  
 Mãe de quem te gerou, de graça chea,  
 Valente assiste Musa, ao fraco engenho;  
 Pois da eminencia, a despenhar-me venho,  
 E da grandesa immensa, que me assombra;  
 Mas se bem çoçobrado assim me vejo  
 Icaro no desejo,  
 Se sò de teu favor merecer sombra,  
 Não temão azas Sol, que tem nascido  
 Neste Occidente; Rei, que paz, & dia  
 Traz despois de tormentas deshumanas;  
 Sol, que acreditão luzes soberanas,  
 Rei, que pedindo amor, tira ousadia:  
 Cantarei venturoso, se atrevido;  
 Pois de immortal applauso não duvido  
 Se me mudas ( ao Rei, & amim piedosa)  
 A lyra humilde, em trompa alta, & famosa.

E vos, ó fundador do Reino Luso  
 Verbo Encarnado, que fizestes berço  
 Seu, do madeiro, em que perdeis a vida;  
 Fazendo a Cruz, & sceptro do Vniuerso  
 Contento Affonso, & Lucifer confuso:  
 Alento me inspirai, & alma devida  
 A rara empresa à mente offerecida,  
 Que mal poderèi eu sem sacro alento,  
 Dar boa conta deste assumpto grave;  
 Pois não basta a suave



De Agnippe corrente, ao pensamento  
 Que do Rei novo, novas glorias tenta  
 E novos rayos bebe do brilhante  
 Divino garbo seu, que o mundo cega;  
 Mas entre imperiais luzes não nega  
 Doce esperança, de hum amor constante,  
 Aquem o patrio zelo representa;  
 Antes ja paternal affecto ostenta;  
 Sedeme pois ( Senhor ) divino Apollo,  
 Que não invoco, não, quem doura o polo.

3

O espantosa alternativa, & rara  
 Das cousas do creado, o soberanas  
 Revoluções sagradas! O misturas  
 E concursos de causas sobre humanas!  
 Ia ouvi, que hum Philosopho sonhara,  
 Que estas, que paixão, tornão creaturas  
 Depois de lastros mil, com ligas puras  
 De hũs atomes, que estaõ compondo o mundo.  
 ( Fosse ignorancia em fim, ou fosse enleo )  
 Hũa só cousa creio

Que do divino Artifice, o profundo  
 Saber, pode voltar o permanente  
 A que deo ser; mas sem prodigio tanto  
 Digo, que no Rei nosso as sombras vejo  
 ( Mudança Pythagorica desejo )  
 Do nosso Ioaõ primeiro, eterno espanto  
 De toda, ao Luso forte, emula gente;  
 O deixõime pintar o que a alma sente;  
 E vereis em Ioaõ Quarto, o Primeiro,  
 E que no conferir sou verdadeiro.

4

Do Regio, & grave gesto a fama canta,  
 Que hẽ d'aquelle avõ inclito hum retrato;  
 O delhe o Ceo tal força, ao braço forte,  
 Que de Alcides a clava taõ barato

Entia  
 perma-  
 nência nõ  
 tã nõ suc-  
 cessiva  
 seu motõ  
 e in il-  
 lo confis-  
 tẽcia ita  
 Philosa-  
 phi.

Allude  
 á trans-  
 migra-  
 ção das  
 almas  
 de Py-  
 thago-  
 ras.

Peleja-  
va el-  
Rei D.  
Ioão o  
primei-  
ro com  
maça, q̃  
se mos-  
tra hoje  
no Real  
Convê-  
ro da Ba-  
alha.

4 Menear lhe seja, como a leve planta  
E seus não çofra golpes hum Mauorte  
Males, de que o menor he mais, que amorte  
Assombravão entã ao Reino triste:  
Mas quem não sabe dos presentes males?  
Por mais, que, Musa, falles  
Nenhũa Musa vio, o que tu viste.  
Sae o Primeiro là da fresca Abrantes  
Cá da felis, viçosa, & fertil terra,  
Com mais, que humano aplauso vem chamado,  
Entre fogosos louros venerado  
Qual tutelar Deidade, que desterra  
Os vaõs receos, medos palpitantes,  
Mas entre as conveniencias, notai dantes,  
Que planta pisa o Throno feminina,  
Em hum, & em outro tempo, ordem divina.

Morte  
do mao  
& abo-  
mina-  
vel mi-  
nistro  
conferi-  
da com  
a do Cõ-  
de An-  
deiro,

*Cõsecras-  
ris ma-  
nus ves-  
tras ho-  
die Domi-  
no Exo-  
di c. 32.*

*Iob. c. 7.  
numquid  
ego sum*

5  
Mas não em tudo (ò pia estirpe lusa)  
(Falle apura verdade, hum peito puro)  
Representas Lianor, pois a piedade  
Virtude, & valor teu, te dão seguro,  
De não se te atrever turba confusa.  
Precipicio cruel, se crueldade,  
Pode de Deos chamar-se alta vontade;  
Violencia justa, maõs, que se vingança  
Executaõ celeste, consagradas  
São por Moyles chamadas;  
Pedeço vil, quem não temeo mudança,  
Ou mal mostrou, que bem temer sãbia:  
Que parecidas furias! vio o a praia  
Reduzido a ludibrios, qual Balea  
( O paciente Rei isto recèa)  
Ah defengano, comque a alma desmaia,  
Quem Balea os pequenos engolia,  
Iuguetes de pequenos merecia.  
O fragil mundo, ò caso, ò vil mortalha



Menos que tu, na lança a posta, valha.

6

O Grande mestre lá na Sertoriana  
Praça famosa, que hoje a terre ostenta  
Do luso esforço antigo, arduas memorias  
Com que o Romano seu valor sustenta.  
Com voz de hum tenro Infante mais que humana,  
Futuras antevio do Reino as glorias:  
Não menos grandes são, menos notorias,  
As maravilhas que divulga a fama  
Que adespregada mão, desprega a todos  
De hum Deos, que por mil modos  
Incognitos a nos, mostra o que ama.  
Porem, porque de Antonio o Deos menino  
Peso aprafivel dos queridos braços,  
Pois o grave pastor ao Sancto inyoca  
Não deo final, que em parte mais lhe toca?  
Foi, porque Christo desfazendo os laços  
Aureos, de amor mostrou com o divino  
Movimento, chegar-se o prazo digno  
Da palavra, que deo, & Affonso ouvia,  
Que o dezaseis dos netos honraria.

7

Desprega a mão, naqual as nossas sortes  
Dis, que estão o Propheta, amor ensina  
Nova chiromancia, se a ventura  
Ha de ser nossa, & sua a mão divina.  
Suas as riscas são, ñossos os portes:  
Fallou de Christo, a Affonso a lingoa pura,  
E cá falla có a mão, porque segura  
Hum povo todo, que apartado estava  
Que do povo tratava o Pai clemente  
E não do Rei semente  
Quando por Rei, clemente Pai, lhe dava  
Ou quiçã em silencio tão sagrado  
Se declarou com mysticos acenos,

5  
mave,  
ans Ce-  
tus.

Allusão  
à mor-  
talhado  
ouvro  
Empe-  
rador  
Gentio

in mani-  
bus eius  
fortes  
mea Ps.  
30.

Representando em si nossa alegria;  
 Fallando mudo, aquem bradando, ouvia  
 Por motejar de nós fallarmos menos;  
 Ou se he Relogio eterno, & concertado  
 Seu immenso saber, direi oulado,  
 Que mão da Eternidade, aponta as horas,  
 De nossas conjuuções, nossas melhoras.

Ramo robusto fois, se florescente,  
 No lugar sexto decimo admittido  
 Da real profapia (o Rei) que assim se conta  
 Com computo fiel, o bem perdido,  
 Vede pois como o Ceo em vos consente;  
 Para a nossa esperança quanto monta,  
 E como o tempo as duvidas remonta:  
 E o termos tais finais do mestre altivo  
 Libertador da Patria valeroso  
 Que com Echo amoroso  
 Inda Vlysseu, tem seu nome vivo.  
 O tu do Ceo Empyreu lus suprema  
 Rei dos Reis, & Senhor dos que senhores  
 As redeas tem do fugitivo mando,  
 Ordena, que com o mais, que vou notando,  
 Não falte ao luso o zelo, nem fervores,  
 Comque amava seus Reis por teima, & thema;  
 Nem hoje aja quem saltarnos tema,  
 O sermos desta, como de outras vezes  
 Filhos no amor, nos braços, Portugueses.

Nem vos falta (bom Rei) hum Nuno fero  
 Vosso illustre ascendente, invicto Marte,  
 Que a ser, lustros doze hà viuo, prudente  
 Disse esse Rei prudente, que estandarte  
 Não vira hispaño, o Tijo, daruos quero  
 Outro Conde por elle, do excellente  
 Iovem retrato, aquem do mar potente

diff: em  
 Li:boa  
 Philip-  
 pe opru-  
 dente  
 chegan



Tintas em sangue, & poucas para o pranto;  
 Agoas funebre canto dedicaraõ,  
 Quando justas choraraõ,  
 De immortal digna, a breve vida, canto.  
 Se ouve alguem, que delicias se chamaſſe;  
 Da geraçaõ humana, a eſte grã Conde  
 Eſte elogio furtou, pois he devido  
 As partes, & talento eſclarecido  
 Que de inveja a fortuna, ha tanto eſconde;  
 Mas adverti ( Senhor ) antes que paſſe  
 Muſa as memorias, de que goſto nasce  
 Que ſe chegais de Nuno à ſepultura,  
 Novo milagre vejo porventura.

## 10

Em vos ſentindo perto, aquelle rayo  
 Da guerra, ha de ſahir a pedra erguida,  
 E ha de abraçarvos dando, & mais tomando  
 A vos o coração, de vos, a vida.  
 O troca, que a ſer tal, nenhum deſmaio  
 Os futuros perigos me eſtão dando.  
 Mas eu que coração eſtou formando  
 Ou porque alheo peço, quando poſſo  
 Dizer do voſſo, que no eſforço humano  
 Vence openo, & Romano  
 Annibal, Scipiaõ, ſó por ſer voſſo?  
 Entre graves conceitos lugar tenha  
 Facetia humilde, dito ſe engraçado  
 Ajuſtada, a meu ver, galantaria,  
 (Junto aos Cedros a terra hervinhas cria)  
 Em hum Sabbado foſtes aclãmado:  
 Quem dis ſabbado dis forno, & mais lenha  
 Porque eu preſagamente a dizer venha,  
 Que quantas damas tem Lisboa bella,  
 Tantas forneiras acharà Caſtella.

## 11

Mas não deixe meu verſo numeroſo,

do á ſe-  
 pulcra  
 do Con  
 de Nu-  
 no Al-  
 vares  
 Si el fue  
 ra bivo  
 no en-  
 trara-  
 mos aca

D. Fran-  
 ciſco de  
 Portu-  
 gal Con-  
 de do Vi-  
 mioſo  
 morto  
 na bata-  
 lha na-  
 val.

*Tito Veſ-  
 paſiano  
 delitia  
 generis  
 humani  
 apud pro-  
 pb.*

De outro indício tocar da graõ ventura,  
 Qu: o Reino Luso em vós ja tem presente;  
 E he ser nisto tal parte, & tal figura  
 Vossa clara consorte, em quem visto  
 Vemos da natureza, o mais decente,  
 Mais precioso, & o que mais adora a gente;  
 Princesa Sereníssima louvores  
 Vossos Sonhar, he grande atrevimento.  
 Ah temerario intento  
 Que desculpa acharàs a teus furores?  
 Costuma o Ceo por mão feminea, & rara  
 Salvar imperios, & causar mudança;  
 Assim ( Augusta Planta ) em vos podemos  
 Ver o que nas sagradas letras vemos:  
 Fundando em tal valor, certa esperança;  
 Nem erra ( pois iois tal ) quem vos chamara  
 Ioel, Hester, Iudith, Debbora, Sara  
 Ou, das que o mundo honrou, Pantafilea  
 Pallas, Porcia, Zenobia, & a mesma Astrea.

12

Defta alegria grande, este alvoroço  
 Comque todos ao rosto tresladados  
 Os coraçoes singelos, endoudecem;  
 Rompendo em sentimentos numqua uzados;  
 Que outra coõsa ( Senhor ) dizervos posso  
 Senão que mais que Augnsto vos offrecem,  
 O Reino, amor, & fè, que em gosto crescem.  
 Ser amado, mais he, que o regio assento  
 O Rei antigo, & em novo amor, Rei novo,  
 Dé o Ceo a teu povo,  
 Forças iguais, a seu contentamento  
 Qual de filhos caterva, que esperava  
 O Pai auzente, que no mar nauiega  
 Quando lhes chega anova, que no porto  
 O tem, fiqua qualquer de alegre, morto;  
 Que hum gosto tambem grande à morte chegã:

*in manu  
 mulieris  
 traditur  
 Syfara.  
 Iudicum  
 cap. 4.*

*Coli, a-  
 mari at-  
 que dili-  
 gi maius  
 est impe-  
 rio, ita  
 Thomis-  
 tix Va-  
 lentini  
 ano.*

Tal



Tal vossa amada gente as faces lava  
 Com lagrimas de Amor, que a força brava  
 Lhe faz soltar, do muito que deseja  
 Darvos a vida a vos, sangue á peleja.

13

As Driadas de Cintra, olhai que danças  
 Formaõ, que flores colhem, que capellas }  
 Vos teçem, entre si com gosto grande  
 Olhai mais junto á vos Tagides bellas,  
 Que ja festejaõ novas seguranças  
 Com que hũm deſdem fermoso liure ande,  
 Se o bruto amor lascivo se deſmande:  
 Mais estendendo os olhos, outro rio  
 Praia de ouro tambem, como a do Tejo,  
 Que contempleis desejo,  
 O Mondego sagrado, que na brio  
 Das suas Nymphas tanto se affinala,  
 Que nas demonstraçoẽs ninguem o vence  
 Vede a leal Cidade, onde se espanta  
 Do bom Freitas o Mundo, vede a sancta  
 Do Sancto Affonso casa, a quem pertence  
 (Gloria que de outra gloria naõ se iguala)  
 O porvos a Coroa, em digna sala:  
 O tragavos (senhor) razaõ que tinha,  
 E a bençaõ de Isabel Sancta Rainha.

14

Notai no sacro Emporio das sciências,  
 Inſigne em toda Europa Academia,  
 Com que zelo abrasado, e fervoroso,  
 Cem mil grandezas faz, quem a Regia:  
 Dignas de taõ preclaras ascendencias,  
 Que de estrangeiro Principe famoso,  
 Lhe naõ roubou o tempo rigoroso.  
 Phebo as luzes, & fogos, quando vio  
 Lá no outro Hemispherio estando auzente,  
 De outro Sol, se refente,  
 De outro Prometheo o furto presumio,

Cintra:

Nym-  
 phas a-  
 madas  
 & per fi  
 guidas:  
 dos Sa-  
 tyros.  
*Apud  
 Prophe.*

Nos preços, que reparte a grandiosa  
 Mio, bem podera dar igual empresa  
 A novo Mantuano, ou Grego Homero!  
 Mas nem as faltas destes chorar quero  
 Porque possível he, que a Portuguesa  
 Musa contente, vença em delectosa  
 Musica, a Grega, ou Latia mais ditosa.  
 E eu entre os Cisnes, que cantando admiro,  
 Qual rouco Ganso a voz do peito tiro.

*Niveos  
 inter  
 strepit  
 anser  
 Olores.*

Lograi pois (o graõ Rei) ditosamente,  
 Taõ divinos presagios começando  
 O governo felis, que vos espera:  
 Ia de ouvir, Dom Ioão quarto, titubando  
 O proprio Marte està, & com o Tridente  
 Rendido a vossos pès, Neptuno crera,  
 Que outro sois Manoel Senhor da Esphera;  
 Ia o Ganges, & o Indo ambiciosos  
 Devos servir, quizeraõ de outra parte  
 Resistir de algũa arte,  
 Por serem, por vencidos, venturosos.  
 Pouco sabe de vos, se ha quem não crea  
 Que sois na dura Imagem bem versado  
 Da guerra, quando em bosque, & aspero monte  
 Matistes, alentado Rodamonte,  
 Cerdoso, Iavali, Touro piçado,  
 Duro em diadema, & que esparzindo areia,  
 Em Symbolo, vos dava o de Amalthea:  
 Fazei pois, que não só de hoje adiante  
 Aljuba o Contê, & Valdevês o Cante  
 Canção se tu no culto te igualaras  
 Ao patrio Amor, que te forjou no peito,  
 Mais confiadamente appareceras,  
 E o mesmo Orphêo cantando não temeras.  
 Desculpe pois teu zelo teu conceito,  
 Que sempre teve amor desculpas claras.



Sò quere[m] coraçõens divinas aras:  
 Vaite humilde a teu Rei, & os pès lhe beja,  
 Que se elle he Deos da terra, Amor deseja.

CANÇION SEGUNDA.

Bien dixo, quien llamó prenda infallible  
 Del divino favor, fracasso humano,  
 Ya una áspera fatiga mensagero.  
 Del braço fuerte, y auxilio soberano  
 Del que solo no puede lo imposible:  
 Que gusta Dios de reduzir primero  
 Nuestro affecto grossero  
 A poner en el solo la esperançã,  
 Y arroja sin tardança  
 El amparo fiel, dulce consuelo  
 Del, que lo pide al Cielo;  
 Y nos previene anfi con artificio.  
 La grata estimacion, al beneficio.

*Philo  
 Hebreo  
 necesse  
 est adese  
 divinum  
 ubi hu-  
 manum  
 cessat au-  
 xilium.*

2

Al màs terrible punto vio'llegado  
 De penas ya cadaver buelto apenas,  
 Su passado splendor, el usitano,  
 Qual arrastrando miserã cadenas,  
 Yaze en un Calaboço, el regalado,  
 Que dava un tiempo, a purpuras de mano;  
 Quando del inhumano  
 En patria, Argel, le libra omnipotente  
 El Verbo, que Clemente  
 Mira sus llagas, que le son señaes.  
 Del fin de nuestros males.  
 Y por Palabra tuvo de su gloria,  
 La que nos dio, palabra, en la memoria.  
 Cómo del mismo Phebo, que se puso,  
 Noche obscura deshaze el rayo bivo,  
 Quando buelve a dorar nuestro Orizonte,  
 Tal quizo, que en Iuan quarto, el hado esquivo,  
 (Iuan luz hermosa del valor de Luso)

De quinze Solès rayo se remonte,  
 Y a la cumbre del monte,  
 De nuestras glorias, buelva justo imperio  
 De vno al otro Hemispherio  
 De donde le rodará la fortuna,  
 Pero sin dubda alguna  
 Mano de Christo, pues sin clavo queda,  
 El clavo nos dexò, para su rueda.

*Exod. 2.* **P**elaio Portugues, Moysen sacado

Del agua, si son aguas afflicciones,  
 Del Pileo, y del puñal mas digno dueño,  
 Eternas te tribute admiraciones

*Quoniam  
 intrave-  
 runt aq;  
 usq; ad  
 animam  
 meam  
 Eripeme  
 de aquis  
 mul. is.  
 Alexan-  
 der ma-  
 ior invi-  
 dia ita  
 prophani  
 auctoree.*

El Indio adusto, y el Aleman elado,  
 Y ni la propria embidia a tu alto empeño  
 Se atreva, aun por sueño,

Nuestro nuevo Alexandro, bien que aora  
 El mundo es el que llora,

Pues quiziera mas ampla su riqueza,  
 Por darla a tu grandesa,

Que si se toma el pulso a tus alientos,  
 El mundo es corto a tus merecimientos.

**S**ioveja capitan desluze, y afrenta

Bravo esquadron de fieras Africanas  
 (Sabio dicho de algun Griego famoso)

Como han de resistir fuerças humanas  
 A vn Capitan Leon, que Lusos cuenta?

Que te respete el Mundo, victorioso,  
 Lo juzgo tan forçoso,

Como la rubia espiga, a tosca mano  
 Rendirse del villano,

O abatirse a la sombra del, que asloma  
 Gavilan, la Paloma;

Que de tus Lusos poco en esto digo,  
 Si tu con ellos vas, ellos contigo.

Como la vida no daran sedientos  
 Pues el maior thesoro solicitan,



*Non bene profito libertas hec*

Que vale mas la libertad, que el oro?  
 Las esperanças a mi pluma quitan  
 Del bosquejo, los nobles ardimientos  
 Que poeta callo, y Portugues adoro,  
 Remittiendo el thesoro  
 De tan heroico, y fertil argumento,  
 A mas culto instrumento,  
 Que pues en Iuan Achilles considero,  
 Darale el cielo Homero;  
 Si no es, que sus hazañas a si solo,  
 Reserva de ambicioso, el mismo Apollo.  
 En su Crus a su gente enseñar Christo  
 Te dixo (o Rei) que huyendo el Castellano  
 (Qual suele el Diabolo de la Crus huyendo)  
 Dexarà el campo al Marte Lusitano:  
 O serà el blanco del milagro visto  
 Amonestarnos el Señor diziendo  
 Que mas vezes muriendo  
 Su sangre nos darà si es necessario,  
 Porque del adversario  
 Vn Rèino libre, al qual fue destinada  
 Su propria Crus, espada:  
 Y con tan tierno affecto, porque en ella,  
 Le pongan otra vez, baxava della.

Cancion no te detengas,  
 Amor, y tiempo prestente sus alas,  
 Que si al viento no igualas,  
 Bolando de tu Rei al Regio throno,  
 Poco tu gusto abono,  
 Que no exceder, es poco sentimiento,  
 Al viento, es poco, al mismo pensamiento.

SONETO. I.

Soberba quando do Espanhol espanta

B 3

Nabu

Nabucho Estatua, mis ( infausto agouro )  
Barro inculca na propria sede de ouro.

*Abscisus  
est lapis  
sine ma-  
nibus Da-  
nielis c.  
2.*

Que só cobiças tem fraquesa tanta.  
Qual a pedra sem mãos Luso levanta  
Rei Ioanne quarto, aquem de verde Louro  
Preparaõ pompas Persa, Turco, & Mouro,  
Com que assumptos Tyrannicos quebranta.  
Pedra sem mãos, por postõ nas de Christo

*Lapidẽ,  
quem re-  
probave-  
runt, & c.*

Que as nega á Cruz, por darilhas: Pedra viva  
Por filho obediente a Pedro sancto:  
Pedra ( qual dẽ Albuquerque Ah caleffe isto )  
Reprovada de Tredos, porem viva  
Pedra angular, tornada em môte tanto,  
que dé ao Inferno espanto

*Lapis fa-  
ctus est  
mons ma-  
gnus Da-  
nielis c.  
2.*

Mate impios, vença Imperios, monstros dome,  
Exceda a Manoel, & os do seu nome,

### SONETO II.

*A os in-  
firis, Se-  
nhor  
aos infi-  
eis, &  
não  
ami, dis-  
se o nos-  
so tanto  
Rey pii-  
meiro.*

A quella fé do Lusitano peito,  
Que recusa alentada, a vista sancta,  
Do que em Cruz levantado, hum Rei levanta,  
Rei, para feitos tais, por Christo feito:  
Vendo que sombras do tyranno aspeito  
De hum fado, lhe eclipsavaõ gloria tanta,  
Pedindo a Deos favor, chorando espanta,  
E do seu Reino, & Rei clama o direito:  
Tres Ioannes, que mais perto ao lastimoso  
Brado, te vem, fundando hum neto charo,  
Fundemse todos tres em competencia:

\* E assim tereis (o quarto Ioaõ famoso)  
De hum, Marcio esforço, doutro hum valor raro,  
Paz de ouro do terceiro; alta prudencia.

### SONETO III.

*Exod c.  
11.*

Do saber, & poder do Omnipotente  
He proprio dar remedio soberano,  
Quando em fatal aperto, o braço humano  
Sombra, ou via de bem nenhũa sente.



Livra o Hebreo do Rei mais insolente,  
 Salva David cercado do Tyranno,  
 E là o Assyrio, quando mais ufano,  
 E mais soberbo está, se acha sem gente.  
 Aos de Bethulia, quando desesperaõ  
 Dà Samsaõ feminino, em gesto raro,  
 Levantã Machabeos na mor afronta:  
 Assim a Portugal quando mais eraõ  
 Seus males, & dos bens menor a conta,  
 Deo, dando proprio Rei, divino emparo.

*1 Regum  
 cap. 23.  
 in modo die  
 corona  
 cingebant  
 eum.  
 4 Regum  
 cap. 19.*

SONETO IV.

Por de sobremão Rei, & de encomenda  
 De Christo (o Rei) entraís com pè direito:  
 Ser mão ganha no jogo, assim sospeito,  
 Que por vos fazer mão, Iesu a estenda:  
 Rubrica a mão tal vez em grave lenda  
 Coufas notaveis: tal o vossõ feito  
 Rubrica a mão de Deos; ou deste geito  
 Mão dada, Irmão em armas se encomenda:  
 Que muito os Reis da terrã, a prezem muito  
 Se Deos com vosco faz liga, & liança?  
 Deo braço, & Cruz: Eu desta lança faço:  
 E digo entre tais glorias resoluto,  
 Que vos deo braço, para a vossa lança,  
 Que vos deo lança, para o vossõ braço.

SONETO V. DE EC H O S.

Temos Rei, que qual pai tratemos? Temos.  
 Dado por Deos, do Ceo mandado? Dado.  
 Sceptro a Deos firme, & rematado? atado.  
 Dar graças logo ao Ceo podemos? Demos.  
 E vemos nelle os Reis, que ouvemos? Vemos.  
 Será querido, ou desamado? Amado.  
 Fogo em guerra, ou retirado? Irado.  
 Lemos nos deste, ou não fallemos? Lemos.  
 Nossa, o Felis, com Rei consorte, sorte,  
 Ia não ha, não, quem com algema, gema,

*Muitas  
 varias,  
 & verda  
 deiras  
 Prophe-  
 cias.*

Se ha para os bens, que não avia, via  
 Pois temos Rei, que nos confotte, forte,  
 Quem nos dava oppressão extrema, trema  
 Quem dos bens nossos se gloria, ria.

SONETO 6. composto de versos dos  
 Lusíadas de Luis de Camoës.

Maravilha fatal, da nossa idade,  
 De Deos guiada só, & de sancta estrella,  
 Não faibão mais, que olhar as causas della,  
 Os olhos da Real benignidade:

Inclinai por hum pouco a Magestade,  
 A miseranda gente de Castella,  
 Sustentará contra elles Venus bella,  
 A Lusitana antiga liberdade.

A vos, o geração do Luso, digo  
 Ora sus gente forte, que na guerra  
 Porque configo esforço, aos fracos desse,  
 Sem nuuens, sem receo de perigo,  
 Ioanne forte sae da fresca terra,  
 Ioanne a quem do peito o esforço cresce.

SONETO VII.

Quinas de sangue por Blason divino  
 Recibe Alfonso, y entrandolas al pecho  
 Si es fuego Amor, de fuego, quedò hecho  
 Blason, que a sangue, y fuego, Amor previno:

A sus hijos da vida el peregrino  
 Dos vezes padre, paxaro desecho  
 Mas de Amor, que del pico, en trance estrecho  
 De nuestros Reyes symbolo bien digno.

No temas, quarto Iuan, pues tus divinas  
 Quinas prometen desempeños ciertos,  
 En esta a tus hijuelos noble hazaña.

No temas, no, gran Rey, porque tus quinas,  
 Por lo de sangue, animán hijos muertos,  
 Ciegan por lo de fuego al Leon de Hespaña.

SONETO VIII.



De occidua Phenis sacro nascimiento  
 Tuvo este Reino, quando boz divina  
 Entre alas, leño, y rayos le destina  
 Scepro en su sangre, y Crus, y mando e sento:

Vorás despues, del tiempo el movimiento  
 Impia, y fatal le amenazó ruina,  
 Tanto agotando al Euso, que declina  
 De splendor Regio, a vn vil desluzimiento.

Peró come era Phenis no podia  
 Morir muriendo, que si muere, nasce  
 Juntos sepulchro, y Cuna, fin, y parto:  
 Con aliento de Christo, y de Maria  
 Phenis de Imperios Reyno, y Rey renasce  
 De cenizas de Alfonso, Iuan el Quarto.

Decimas

Cantai Musas, pois sospeito  
 Hum dos milagres do dia,  
 Caber em verfo alegria,  
 Que nos naõ cabe no peito:  
 He Portugal todo estreito  
 Ao proprio gosto, & vontade,  
 Mas tal Amor, em verdade,  
 E tal gosto, he qual diamante  
 Grande no valor brilhante,  
 Pequeno na quantidade.  
 O bom Rei, sds os quilates,  
 Deste gosto offerecemos,  
 E com dar quanto podemos,  
 Saõ principios, naõ remates  
 Com venturosos debates  
 Competem força, & desejo,  
 Mas este vencedor vejo,  
 Que o Portugues quando amou  
 Força, & uida lhe faltou,  
 Primeiro, que Amor sobejo.  
 Vos uasceis (meu Rei) amado

Allude  
ao Rei  
embalsa-  
mado na  
fé dos  
Portu-  
gueses  
por tan-  
tos años

Antes por amado, Rei,  
Logo, que vos tem di rei  
Amor do Luso apostado  
Ara immortal dedicado,  
Porque a fee taõ conhecida  
Portuguela, a crer convida  
Que será milagre seu,  
Como a vida a hum morto deo  
Dar a hum vivo, eterna vida.

O Reino illustre, levanta  
As estrellas a cabeça,  
Que hoje a renascer começa  
Tua antiga gloria tanta,  
Que a memoria della espanta;  
Ia teu nome sublimado,  
Será de novo cantado,  
Que a pelar do fado esquivô  
Se foste por amor vivo,  
Es por fee resuscitado.

No Amor, que tinha o seu povo  
Aq sancto Affonso primeiro,  
Liurou ser Rei verdadeiro:  
A esperar hoje me movo  
(E com a fé quasi o provo)  
Que com mais divino alentô,  
Mais garbo, & mor luzimento,  
O Reino ha de florecer,  
Se o resurgir, ha de ser,  
Mais bello, que o nascimento.

Reino, que tem por Brasaõ,  
O Brasaõ, que nos liurou,  
Eo cativeiro acabou  
Fatal dos filhos de Adam,  
Era grande sem razaõ  
Liberdade sancta, & bella,  
Dada pello Ceo, perdela;



E era delconçerto bravo,  
O passar praça de escravo;  
Que foi vendido a Castella.

Filhos de Cadmo entregamos  
Por defunidos irmãos  
O Reino, em alheas maõs.  
Mas hoje resuscitamos,  
Mui bons irmãos, porque estamos  
Sem discórdia, para a guerra,  
E pór nascidos da terra  
Regada do sangue nosso  
Somos tantos, que crer posso,  
Que quem nos quer contar, erra.

Se de dentes procedemos,  
Será symbolo bem claro,  
Que com peito, & valor raro,  
A bocados comeremos  
Quantos por contrarios temos.  
Afastados pretendentes,  
Convir vos dizem as gentes  
Bem de longe apparecerdes,  
Porque ay de vos, se quizerdes  
Brigar a vnhas, & a dentes.

O cobiça numqua farta  
De Reinar, paraque emprendes  
Mais Imperios? pois entendes  
Que o mesmo Christo te aparta  
De nos, pois porque se parta  
Contenda, que não he boa,  
Christo Ielu, em Lisboa  
Despregando a maõ, nos deo  
Mostras, de que a maõ meteo  
Em liurar esta Coroa.

Não falla à maõ, antes dando  
A maõ aos que vio caidos,  
Os vivas ao Rei devidos

A discor  
dia dos  
Fidalgo  
s Portu  
gueses  
entrega  
raõ este  
Reino à  
Castella.

Allude a  
os tribu  
to, & ve  
naçoens  
que pa  
decia o  
Reino,

Afastã  
dos naju  
stiga da  
pretêsão

E Qual mestre ás vozes formando  
 Compáſſo, foi animando;  
 Ou porque o Cravo impedia  
 A rotura, que fazia,  
 Deixa o Cravo, & diz que tem,  
 Maõs rotas hoje tambem  
 Para nós como algum dia.

O Heſpanhol, quem te engana?  
 Vé, que por grande cahio,  
 Quando mais alta ſe vio,  
 A Monarchia Romana:  
 A maõ de Deos ſoberana  
 Tirandote a Portugal,  
 Teu bem te inspira, & não mal  
 Pois he melhor (& eu ò juro)  
 Lograr hum Reino ſeguro,  
 Que muitos com riſco tal.

Huma he ſo a Sancta Igreja  
 Que o Soldado não ralçou  
 A veſte, que ſorteou,  
 Paraque niſto ſe veja,  
 Que quem conſervar deſeja  
 Imperio, importalhe ter  
 Menos Reinos, que reger:  
 Grande bem, grande deſcanço,  
 Que huma ambicão (quanto alcanço)  
 Nunca ſoube conhecer.

E ſe eſtar à paá ſe chama  
 Eſtar hum homem cõ a maõ  
 Sobre a outra, quando não  
 Lhe dà que fazer a fama,  
 Antes o deſcanço o ama  
 Caſtelhano, que ſerã,  
 Juſto entendendo, tomeis já,  
 O deſcanço. que vos daõ,  
 Pois creio, que vos faraõ,  
 Caſtelhano eſtar á paá

Io Ann. 19



Campos, que vistes hazañas  
 Del Pastor, que pudo en campo  
 Trocar el Romano Imperio,  
 En vituperio Romano.  
 Del, que Aguilas vencedoras  
 Como ovejas al cayado,  
 Hizo obedecer, por ser,  
 En su Lufa mano vn rayo.  
 Prestad nueva admiracion  
 (Si cabe en alguna tanto)  
 A los futuros triumphos,  
 Del nuevo Rei Lusitano.  
 No le estrañeis por pastor  
 De nascimiento mas alto,  
 Miralde en amor, y fuerças,  
 Que le aveis de hallar Viriato.  
 Fatal os ha sido siempre  
 Campos, el serdes theatro,  
 Donde tragicos successos,  
 Represente el tiempo vario.  
 Donde Lusos coraçones  
 Sacudan jugos Tyrannos,  
 Nembroth, Balthasar, Nabucho,  
 Tiemblen del Cielo a la mano.  
 Donde la razon modesta  
 Triumpe sobervios tratos,  
 Y la justicia deshaga,  
 Desafueros temerarios.  
 Donde en mar de roxa sangre  
 De Christo, Juan coronado  
 Miré (otro Alfonso) anegar se  
 Pharaon, y sus cavallos.  
 Donde, a no exceder, igualem  
 Sus presentes Lusos bravos,  
 Los antiguos Albuquerque  
 Pachecos, Almeidas, Castros.  
 El tener tan justa causa,  
 Glorias quita a nuestrs braços,  
 Que no es mucho, en Portuguese  
 Si ay razon, ser alentados. (ses  
 Armas dobles nos dá el Cielo  
 Contra el misero adversario,  
 Pues bastando nuestrs pechos,  
 Nos sobran pechos, y agravios.  
 Sal pues en campaña (o Rei)  
 Y harás, nombrandote el quarto;  
 Al Leon de Hespaña, no de ira,  
 De miedo, si, quartanario.  
 En lança, y fortuna admiro  
 En ti de Cesar los passos,  
 Quiçá no te falta pluma,  
 Para hazer tus commentarios.  
 Y quando a mi me la dexes,  
 El menor de tus vassallos,  
 Con ella haré que te embidien,  
 Mil Augustos, y Alexandros.  
 El gran Pontifice Christo  
 Crus ensena a tus soldados,  
 Que fue darles la Cruz a la,  
 A fin de mas animarlos.  
 O et desclavar se ha sido  
 Juramento soberano  
 En su propria Crus, de a ella  
 Aviacular nuestro amparo.  
 A ellos pues, y estandarte  
 La divina escarpia hagamos,  
 Porque al verla de nosotros  
 Se santigue el Castellano.

## Romance

Rei Messias Lusitano

Para cativos resgate,  
Em votos, & em prophcias,  
A Christo taõ semelhante.

Rei de humanas esperanças

Felicissimo remate,  
E de palauras divinas,  
E seu peso, justo Athlanté.

Rei, que sois Ioaõ, & Quarto

Na Esphera, para assentar-se,  
Que aveis de ser como hum Sol,  
Comparado a tres Ioannes.

Rei Sol, porque só tal Rei

Desfes, deixando acclamar-se,  
Nuvens de infamias, & afrontas  
A raios de br-o, & sangue.

Rei Sol, porque só tal Rei

Monarcha ha de intitular-se,  
De quanto esse Sol rodea  
Ou vé quando morre, ou nasce.

Pelicano raro, & novo

Pois se este aos filhos se parte  
Vos sò có o sangue dos filhos,  
A vida de Rei cobrastes.

Pois vos daõ o Reino voffo

As feridas penetrantes,  
Com que sentir se faziaõ  
Garras de hum Leaõ rapante.

Oui hũa alma apostada

A fazer por vos milagres,  
Se parir prodigios; podem  
Amor, & fidelidade.

Oui hum vassallo humilde,

Que temendo esse brilhante  
Garbo Augusto, em voz de canto,



Esforça a propria humildade.  
 Ovi se quer por cantados  
 Bons conselhos, & verdades  
 Porque quando estas offendaõ,  
 Lifongee o canto em parte.

Se bem para vos, de canto,  
 Naõ necessita a verdade,  
 Só por minha conta corra,  
 Só por meu arrimo passe.

David com ser Rei cantava  
 A sua Harpa liberdades,  
 Ou já temperando estas,  
 Ou ja illustrando a arte.

Eu não me atrevo pequeno,  
 A dizervos cousas grandes:  
 Valer me quero das Musas  
 Vossas validas, & amantes.

Adverti, Rei, que de Deos  
 Mando, Reino, Impérios nascem,  
 Que elle disse, por mi Reinoãõ,  
 Os que vem a coroar-se.

Senhor de Senhores, Rei  
 De Reis, quis que lhe chamassem,  
 Porque assi como vos servem,  
 Sirvais á summa Deidade.

Deveis copiar obsequios  
 Para Deos, dos que vos fazem,  
 E inda he pouco, pois sois homens,  
 E Deos he summa bondade

Naõ uos esvaeça o serdes  
 De Deos singular imagem  
 Que seria injusto, & ingrato,  
 Vosso original ne gardes.

Tambem da Sancta, & Romana  
 Igreja, fazei as partes  
 Que sò ella os Reis defende,

*Pro me  
 Reges re-  
 gnant.  
 Apoc. 19*

Por pagarlhe a immuniçade.

Contra a divina justiça,  
No fignado ha de empararfe  
Hũ Rei, que de fer se preza,  
Deffa Igreja emparo grave.

Se naõ fordes obediente  
A Pedro, pedra em quilates,  
Fareis, que o voffo edificio,  
Sobre area se levante.

*Math. 7*

Do voffo Reino a firmeza  
Deveis procurar que mane  
Da Pedra, conrta quem Christo  
Naõ quis, que infernos montassem.

*Math. 19*

As grandesas de que vzando  
A Igreja acrescentardes,  
Seraõ as onzenas voffas,  
E os lucr os mais importantes.

Mais que alfandegas rendosa  
He tal liberalidade;  
Que o cento por hum dos Reis,  
He quando com Deos repartem.

Dardes com largueza a Deos  
Na paz; sabei que he comprardes  
Licença para na guerra  
Bens da Igreja, irem diante.

Se Deos quer, que nos seus Templos  
Grandes ærarios se guardem,  
He porque dure o feu culto,  
Naõ, porque ouro se naõ gaste

Para de aço nos cobriredes.  
Despi da seda os altares;  
Que David dos paës factados,  
Comeo na necessidade.

Das sagradas Religioës,  
Sede Mecenas constante,  
Porque por ellas o Mundo,

*Regnum*  
*cap. 21,*  
Bé decla  
ra o exê  
plo q' o  
Cõelho  
corte só  
em colo



Livra Deos de horendos males,  
 Quando não foffe por isso.  
 Tal exemplo em vos não falte  
 Que sempre he favorecelas.  
 Razão de Estado importante.  
 Melhores, os mais remiffos,  
 São, que os justos seculares,  
 Gente, que de honra, & virtude  
 Faz vida, & forçado mate.  
 Contra á divina vingança  
 São escudos de Diamãte,  
 Gente apostada a morrer,  
 Porque tem da dor o estanque,  
 São Moneccos para Thebas,  
 Decios para grutas graves;  
 São linteatos dos Samuites,  
 E Amoucos do voffo Ganges.  
 De todos fareis mais caso  
 Dos que vos proprio al cançardes,  
 Que tem com a fé divina,  
 Mais relação mais liames.  
 Por vos hão de dat a vida  
 Como a dão pollas piedades,  
 Que a quem Fè de Deos sobeja,  
 Numqua faltou lealdade.  
 Senhor vindo a o povo, digo  
 Que o trateis como Pai grande,  
 Que tal vez severo cura:  
 O que brando não perfuade.  
 Não nego, que porque as coufas,  
 O esperado affento alcancem,  
 Ser prudencia, que do povo,  
 Idolatreis nos ditames.  
 Ma ormente, quando o povo  
 Vos tem amor tão notavel  
 Que fois ~~o~~ mais amado

Dé ne-  
 cillida-  
 de preci-  
 sa.

- Plinio en Pan-gyri ad Traianum. Non est affectus tam erectus ac liber, & dominatio impatiens, neque quis magis viget exigit.*
- Que vio numqua antigua idade.  
 Deveis amalo tambem  
 Se quereis, que ellès vos amem,  
 Que este affecto sempre pede,  
 Que com retorno se pague.  
 Com tudo aveis de tratalo  
 Como hum ginete, porque ande,  
 Se, bem mimoso, arrendado,  
 Nem com manhas m s se da ne.  
 Poucas das coufas de cala,  
 Costumaõ tanto estimarse  
 Como hum ginete brioso,  
 Que regalado se chame.  
 Com bocado, & freo de ouro  
 Ande fogueito, & galante;  
 Dourado, si, porem freo;  
 Bocado, si, mas que sangue.
- Plutare. in vita Alexandri*
- Trazcio farto, & bem gordo  
 Correilhe a maõ, Alexandre  
 A Bucephalo, & tal vez  
 Bateilhe o duro açicate.
- Christoff. populus cruenta bestia.*
- Plataõ chamoulhe graõ Mestre,  
 Que divina authoridade?  
 He graõ Mestre, porque ensina  
 O que sabe, & o que não sabe,  
 E ensina até com seus erros,  
 Quem prudente os ouça, & cale.
- Platão populus magister maximus,*
- Hydra de sete cabeças  
 Não faltou quem lhe chamasse,  
 Alludindo a pareceres,  
 Cem mil, de que faz descarte,  
 Sou de parecer, que facil,  
 & facilmente vos achem,  
 Paraque qvalquer do povo



Pobre, vos veja, & vos falle;  
 Que mostraruos por vidraças,  
 Não me digaõ, que vos quadre,  
 Deixaio a barbaros Perlas,  
 Ou a Turquescos Turbantes.  
 Rei, que por vidros se mostra  
 Sem fer luz, quer occultarse,  
 E eu sei, que a mão aleijada,  
 Appeteçe mais o guante.  
 De hum Rei dos do uosso nome  
 Ioaõ Terceiro, he bem que gabem,  
 O passar por Lisboa,  
 Quando queria alegrarse.  
 E hum dia vindo contente  
 Perguntado pello achaque,  
 Disse, em ver hoje o meu povo,  
 Bem vestido, o gôsto cabe.  
 Ministros vos aconselho,  
 Que antes que officios infamem,  
 Dos cargos os tireis fora,  
 Bem que pareçais mudavel.  
 Hum mto Ministro mudando  
 Vai, & infamando os lugares  
 Mais val, que os mudeis a elles,  
 Que elles officios mudarem.  
 Mais facil (meu Rei) sera  
 Mudar as guardas á chave;  
 Que mudar a porta toda,  
 Permittindo erros infames.  
 Na materia de privança  
 E validos vossos, guarde  
 Vossa alta prudencia estilo,  
 Que numqua a mandada, amague.  
 Disse bem hũ graõ discreto,  
 Que he de ouro a mediocridade,  
 E se em tudo, a mediania

*Aureã  
 mediocri  
 tatem.*

Na privança, he bem, que espante.

Tende sempre por valido

(Se fer possi) vosso sangue,

Porque como sangue vosso,

Menos contra vos se arme.

Como por vosso das honras

Vossas, he participante,

Ama as glorias sem inveja,

Que outros sò invejar sabem.

Desse grão Marques, que mar ca

Pode ser, modelo, exame,

Toque de quantos validos,

Neste Mundo Reis lograssem.

Marques a quem o Ceo annos

Mais que Nestoreos dilate,

Sabei, que tem cabalmente,

De hum justo valido as artes.

*Plutarch.*

*nulla est*

*virius, q̄;*

*magis in-*

*vidum a-*

*mmum cō*

*primat,*

*quam ju-*

*stia.*

Amado he do povo todo

Polla justiça, que he parte,

Que mais que as outras virtudes,

Inveja alhea rebate.

Sea seu dono der o seu

Hum privado em paz, ou Marte,

Eudarei, que seja amado

Sem que reçe invejar se.

Tomareis mil Babilonias,

Passareis seguro os mares,

Pois que tal Zopyro tendes,

Pois que lograis tal Achates.

Isto vos dis hum vassallo,

Que vos ama, adora, applaude,

E que com mais alto plectro,

Pode ser, que ante vos cante.

*Romance, que cantou na noite do Natal, ao Menino*

*Isu no Presépio. hũa Religiosa do insigne, &*

*Real M osteiro de Lornab, Phenis das*

*M usicas deste Reino.*



## ROMANCE

Menino, que disfraçado  
 Escondeis telas de prata,  
 E vos cobris com palhinhas,  
 Mal vos encobre essa capa.

Por mas de ajuntar parece  
 Derão ja vista das galas.

Que quando hũ grão pai vos ve-  
 Vosso amor pisa, & não gasta. (ste

Ou por ventura as palhinhas  
 Como villãs de boa alma,  
 A mentir não se ateverão,  
 Em tão divinas mudanças.

Bê reconheço Menino.  
 Por entre as grosseiras faixas  
 Desta mi nha humanidade,  
 Do ser divino as estampas.

MeuDeos fois, não mo negue-  
 Nem choreis cõ ira, & graça, ( is  
 De Menino, que alcançaraõ  
 Quando fugia de casa.

Eu farei com vossõ pai  
 Hoje mais mal não vos faça,  
 Se bem he pai, que os açoutes  
 Não perdoa, se dilata.

Mas antes, que destes braços  
 Vos largue (se vos abraça  
 Hũa alma, que com devoto  
 Affecto, vos acompanha)

Mil merces hei de pedirvos,  
 Que quem mais pede, mais ama:  
 E a primeira, he bem que seja  
 Hũ bem, que a todos alcança.

O nossõ Rei D. João Quarto  
 Mas primeiro entre os da fama,  
 Por ser maior, que os seus noye,  
 Se ella nos seus noye falla.

Fazei, que seja no Mundo  
 Inviçtilissimo Monarcha,  
 Porque uossa antiga gloria?  
 Phenis com elle renaca.

No tempo do vossõ Ac. unto  
 Recebe a Coroa herdada  
 Para mostrar, que então Reina  
 Quando a vòs sò se avassalla.

Veio com vosco ostentando  
 Nas empresas temelha nça,  
 Com que vindes hũ; & outro,  
 Resgatar almas humanas.

Vos da prisão de Lusbel,  
 Mas elle da Castelhana,  
 Tyrania livra os corpos,  
 Vos livrais corpos, & almas.

Dous Salvadores teremos,  
 (Perdoai minhu ignorancia,)  
 Que de Salvador o nome  
 Vossõ hé per autonomia.

Porem tambem Iosué,  
 Com tal nome se affinala;  
 E o nossõ grão Rei agora,  
 Luso Insué se chama.

A seus pés vejo prostados  
 Esses Gigantes de Hespanha,  
 Que em soberbas, são Gigantes,  
 E na semrazão crianças.

Dailhe, meuDeos, meu menino  
 O dailhe victorias tantas.  
 Quantas vejo no Presepio  
 Luzes, lagrimas, & palhas.

Que do poder do Mundo não se  
 elpanta,  
 Hũ Rei, que o Rei dos Reis, rão  
 fiel ama.

## SONETO

*á N. S. da Piedade feito na sua  
Hermida da Ribeira de  
Taboas.*

Virgem pia, que em compassivos braços,  
O Filho morto tendo, mais piedoso  
Affecto aos outros filhos no amoroso,  
Nome ostentais, & a seus miseros passos:  
Nosso Rei, vosso Filho, que com laços  
De Amor, & fé vos faz obsequio honroso,  
Fazei, que Portugues Samsão famoso,  
Faça o Leão soberbo em mil pedaços.  
E se as mãos maternais, no trance esquivo  
Importar, que aparteis (para bem nosso)  
Do filho natural penhor mais charo,  
Deixai o natural, pollo adoptivo,  
Que o natural por isso quis ser vosso,  
Para que nosso fosse o vosso emparo.

## SONETO

*á morte del Rei de França Luis XI.*

Segunda vez dos braços de Bellona  
Rouba, ou de inveja, ou d'ambição movida  
Parca ajudada, a flor de Lis temida,  
Quando assombrando Hespanha, o Luso abona.  
A quantos cinge Reis celestre Zona  
Busto Frances, & Augusto empraza a vida  
Pelle Bohema em morto tal duuida  
Castella, ou teme em Cid, o que Blazona.



Se o matar (Luis invicto) á Morte hum Marte  
 Gloria he fatal, na tua ie sospeita,  
 Que Deos dous fins ostenta (ó caso raro)  
 Hũ Rei paga, ovtro anima, com leuarte,  
 Mostrando França â teu valor estreita  
 E redundante a Ioaõ, teu justõ emparo.

SONETO

à hũ *Quadro da adoraçãõ dos Sanctos*  
*Reis Magos, que el Rei N. S. mã-*  
*dou fazer à Ioseph do*  
*Avellar.*

Soberano pinzel, tu te condenas  
 A não pintar jamais, pois que chegaste  
 Rei dos pinzeis, nos Reis, que nos mostraste  
 Onde chega o juizo humano apenas.  
 Das linhas de Protogenes ordena  
 Grossos cordeis, nas linhas que lançaſte,  
 E em garrote de invejas lhe trocaſte,  
 O lutil, em bõrroës, à gloria, em penas.  
 Tudo contemplo Trino em teus primores;  
 Painei de tres, Pintor, Rei, verdadeiro  
 Monarchã, em te occupa r, contigo humano.  
 Elle imita tres Reis, tu tres pintores,  
 Elle Affõso, Manoel, & Ioaõ primeiro,  
 Tu Miguel, Raphael, & Ticiano.



## SONETO

*A morte da Marquesa de  
Villareal, que falle-  
ceo no Conuento  
de Cellas de  
Coimbra.*

Amor, & odio juntos (ó Iuliana)  
Sendo Deidade humana vos mataraõ,  
Por Deidade, odio ás culpas, que ò causaraõ,  
Amor, ao esposo, & filho por humana.  
Esta no affecto divisaõ tyranna  
Maõs da Parca apressou (que o duvidaraõ)  
Applaudem olhos golpes, que choraraõ,  
Sangue enlea, justiça desengana.  
Do valor feminino vos admiro  
Feita em pyra immortal; raro holocausto,  
Calle o seu Mausoleo casta Rainha:  
Dissestes despedindo alma, & suspiro,  
Rei justo, esposo errado, filho infausto,  
A todos sacrificio a vida minha.

## LAVS DEO.

Taixão estas Poezias em 30. reis Lisboa 28. de Fevereiro  
de 1645.

Caelho

Ribeiro